

# CULTURA PROFISSIONAL

## ESTUDO DE SITUAÇÃO NO RI

WOLFANGO TEIXEIRA DE MENDONÇA  
Ten-Cel de Inf, Instrutor da ECEME  
(Da revista "Coletânea" — Jul 58)

Quando um Regimento de Infantaria em campanha recebe uma missão, tem início para o seu Cmt — Cmt e EM — um ciclo novo de atividades, que se traduz por um desdobramento de estudos e de atos, relacionados com a concepção, a preparação e a conduta das operações.

Esse conjunto de ações chamado "Trabalho de Comando", em suas linhas mais gerais, pode ser materializado pelos seus 3 aspectos mais importantes: Estudos de Situação, Decisão, Ordem de Operações.

Os Estudos de Situação têm por finalidade possibilitar ao Comandante tomar sua Decisão, pela escolha da linha de ação mais favorável ao cumprimento da missão. Subseqüentemente, o EM a esmiúça, transformando-a em Ordem de Operações, o que exige, por vezes, certas decisões complementares.

Aprovada a Ordem pelo Cmt, é ela expedida para execução pelos elementos subordinados. A partir daí, o Cmt e o EM conduzem o combate, atualizando seus Estudos de Situação, ou fazendo novos, em face de fatos novos surgidos, tomando novas decisões e expedindo novas ordens, sempre que a evolução dos acontecimentos determinar sua necessidade.

E esse mesmo ciclo torna a repetir-se, vezes sem conta, até o cumprimento final da missão.

É difícil sistematizar-se, num Regimento, a maneira de conduzir o Trabalho de Comando, e, particularmente, o Estudo de Situação, o que é extremamente variável, dependendo de muitos fatores, entre os quais preponderam: o tempo disponível para início da missão, o local onde foi recebida a ordem e, sobretudo, a personalidade do Comandante.

NOTA — O presente artigo visa apresentar, no quadro do Trabalho do Comando, o Estudo de Situação do Cmt do RI, focalizando, em particular, o estudo da Missão e do Terreno, à luz de um caso concreto. Destina-se, sobretudo, aos camaradas de fora da ECEME.

Todavia, pode-se obter excelente rendimento num EM/RI, com simplificação do trabalho e economia de tempo, padronizando hábitos de trabalho em equipe e definindo as participações pessoais dos diversos elementos, tanto nos Estudos de Situação e Ordens como nos reconhecimentos. Uma ação de comando adequada deve possibilitar a realização metódica, ordenada e num mínimo de tempo, de planejamentos e reconhecimentos simultâneos, o funcionamento eficiente do Estado-Maior, decisões rápidas e oportunas e o máximo de preparativos para o cumprimento da missão por parte dos subordinados.

O Cmt do RI recebe a ordem do escalão superior

- geralmente, no PC da DI;
- às vês em seu próprio PC, por intermédio de oficial do EM/DI;
- excepcionalmente, em observatório favorável aos reconhecimentos para a nova missão.

Nesta oportunidade, enquanto o Cmt do RI recebe ordens do Cmt da DI, ou seu representante, os membros do EM/RI mantêm contactos com seus correspondentes do EM/DI, buscando informar-se a respeito da missão e da situação.

Em circunstâncias normais, poderá ser adotado o seguinte

## ROTEIRO PARA O TRABALHO DE COMANDO

1 — Após receber a missão, interpretá-la e ambientar-se na situação (inimigo, unidades vizinhas, reforços, apoios, condições de execução, etc.) o Cmt do RI, antes de se desjocar para realizar o reconhecimento:

a. Inicia seu planejamento:

(1) Planeja a utilização do tempo disponível.

(2) Inicia o Estudo de Situação (rápido e tão completo quanto o permita o tempo a isto destinado):

(a) Analisa o Terreno (numa carta, esboço ou fotografia aérea) sob os 5 aspectos:

- Acidentes capitais;
- Observação e campos de tiro;
- Abrigos e cobertas;
- Obstáculos;
- Vias de acesso.

(b) Conclui sobre a influência do terreno:

— nas possíveis ações do inimigo;

— na própria missão.

(c) Estuda o inimigo (valor, localizações, dispositivo e possibilidades) e os próprios meios.

(d) Formula sua decisão inicial, ou plano de manobra, dando ao EM a diretriz para o planejamento e, aos Cmts subordinados, os elemen-

tos essenciais para que possam começar seus próprios reconhecimentos e planos.

b. Toma providências relacionadas com:

(1) O deslocamento da unidade, se fôr o caso (para onde, quando, como);

(2) O reconhecimento a ser executado (observatórios, escolha de itinerário, horário, participantes, processos de reconhecimento — simultâneo ou sucessivo, individual, ou em grupos, — tarefas para os subordinados, segurança);

(3) A futura emissão da ordem de operações (como, onde, quando e a quem deve ser transmitida);

(4) A coordenação com as unidades vizinhas e de apoio, no sentido de obter a maior convergência de esforços.

2 — Terminada esta fase inicial de trabalhos, o Cmt do RI, acompanhado de seu séquito, se desloca para o primeiro observatório escolhido e

a. faz o reconhecimento do terreno (introduzindo alterações em sua decisão inicial, se necessário; esse reconhecimento, sempre que possível, deve ser simultâneo com os dos comandantes subordinados;

b. completa sua decisão (recebe sugestões dos subordinados, com-

pieta o Estudo de Situação, altera sua decisão inicial, se necessário, estabelece o Conceito da Operação e prepara a ordem);

c. emite a Ordem de Operações (geralmente no próprio local de reconhecimento e verbal-ditada; aqui se trata, essencialmente, dos parágrafos 1 e 3 da O OP, acompanhados, sempre que possível, de um Calco de Operações sumário — pelo menos um exemplar para cada elemento da manobra; posteriormente, essa ordem verbal deverá ser confirmada por uma O OP escrita, completa).

3 — Em seguida, o Cmt do RI:

a. Fiscaliza e orienta os preparativos para a execução da ordem (pesscalmente ou por intermédio de seu EM);

b. Conduz o combate (atualizando o Estudo de Situação inicial, ou realizando novos, e intervindo

no combate, por meio de novas ordens, sempre que necessário).

Do exposto, verifica-se que os Estudos de Situação se localizam, no conjunto do Trabalho de Comando, antes da Decisão, e, posteriormente, na conduta do combate.

Destarte, os Estudos de Situação não cessam, realizam-se continuamente e são permanentemente revistos e atualizados. Constituem um método de raciocínio, u'a maneira ordenada, lógica e objetiva de se chegar a uma Decisão, pela análise e pela síntese dos fatores que a condicionam: missão, terreno, inimigo e meios.

O método de Estudo de Situação preconizado pelo C-101-5, traduzido e adotado pela ECEME em 1956, a título experimental, é interpretado e desenvolvido pela Secção de Infantaria, conforme o memento que se segue.

## MEMENTO DE ESTUDO DE SITUAÇÃO DE COMANDANTE DE RI (\*)

### 1) MISSÃO

*A missão recebida pode estar expressa em termos específicos de ações a realizar ou por sua finalidade. Em qualquer caso, o objetivo da estudo da missão é estabelecer as ações a realizar e sua finalidade.*

Para o estudo da missão pode ser adotada a seguinte seqüência:

#### a. Enunciado.

Enunciar tôdas as ações prescritas.

*O enunciado da missão é, normalmente, tirado da O OP do escalão superior, em seus §§ 2 e 3, e do Calco de Operações.*

*Contém as ações prescritas ou a realizar.*

#### b. Finalidade.

*É o "para que" da missão. Algumas vezes, a missão é expressa pela*

*sua finalidade, cabendo ao Cmt deduzir as ações a realizar.*

*A finalidade da missão é o que ela vai permitir, após seu cumprimento no quadro da missão ou da manobra do escalão superior.*

#### c. Ações deduzidas.

*Só interessam as ações táticas a partir do início do cumprimento da missão, ou as preliminares deste cumprimento, excluídos os deslocamentos, as medidas administrativas, os reconhecimentos e as ligações. Enuncia-las na seqüência de sua realização.*

#### d. Prioridades das ações.

*Se a missão comportar várias ações, estabelecer prioridades (por ordem de importância das ações) ou uma seqüência para sua realiza-*

(\*) NOTA — As observações em grifo não fazem parte do estudo de situação do comandante. Figuram aqui com a finalidade didática de dar orientação sobre a maneira de apreciar certos aspectos do estudo de situação no âmbito do RI.

ção no tempo. Encarar, então, os dois casos:

— se as ações forem simultâneas, a prioridade será dada pela importância;

— se as ações não forem simultâneas, a prioridade será dada pela sua natural seqüência de realização no tempo, não sendo preciso, neste caso, defini-la.

#### e. Condições de execução.

— Tempo disponível para o início do cumprimento da missão.

— Limites da zona de ação.

— Outras.

No final do estudo da missão, todos os tópicos acima são condensados em uma redação única, contendo claramente todas as ações a realizar (prescritas e deduzidas) na ordem de prioridade de realização, e a finalidade da missão. Esta redação final constituirá o texto do § 1 — Missão, do Estudo de Situação do Comandante.

## 2) SITUAÇÃO E LINHAS DE AÇÃO

Neste parágrafo, se procura estabelecer as possibilidades do inimigo e as nossas linhas de ação, na seqüência seguinte:

### a. Considerações que afetam as possíveis linhas de ação

Analisar todos os fatos que possam influir nas ações do inimigo e nas linhas de ação da unidade.

A análise de cada fato comportará uma exposição, na qual o fato será clara e sumariamente levantado e uma conclusão, na qual é deduzida a influência que o fato poderá ter sobre as possíveis ações do inimigo e sobre o cumprimento da missão da Unidade.

Serão analisados sucessivamente:

#### (1) Características da região de operações.

(a) Condições climáticas e meteorológicas.

##### i — Situação existente:

Crepúsculos;

Fases da lua;

Condições atmosféricas;

Vento (direção e velocidade);  
Outros elementos.

##### ii — Efeitos sobre as possíveis ações do inimigo:

Concluir sobre a influência das condições citadas sobre as possíveis ações do inimigo.

##### iii — Efeitos sobre a nossa missão:

Concluir sobre a influência das condições citadas sobre o cumprimento da missão pela unidade, particularmente em relação aos seguintes pontos:

— condições de visibilidade (horas de luz durante o dia, faixa de maior claridade à noite, duração da noite, etc.);

— movimentos pelas estradas e através do campo;

— temperatura;

— emprêgo dos fumígenos, etc.

##### iv — Efeitos sobre o emprêgo das armas atômicas ou QBR:

Concluir sobre a existência de condições favoráveis ou desfavoráveis aos efeitos das armas atômicas empregadas pelo inimigo ou por nossas forças.

#### (b) Terreno.

##### i — Situação Existente:

Este subparágrafo constitui a base para determinar as influências do terreno sobre as possíveis ações do inimigo (ii) e sobre a missão da unidade (iii).

Aprecia-se o terreno sob os cinco aspectos fundamentais seguintes:

#### ACIDENTES CAPITAIS.

Citar, das mais aproximadas para as mais afastadas e da esquerda para a direita, todas as regiões que ofereçam acentuada vantagem para o inimigo e para a própria unidade, tais como: pontos ou regiões dominantes, gargantas e desfiladeiros, áreas edificadas, localidades, nós de vias de transporte, cruzamentos, etc.

A citação do acidente capital se faz em função da natureza da missão a realizar. Encara-se, sobretudo, a significação da posse do acidente capital quanto às próprias operações e quanto às do inimigo, e, apenas

os acidentes de interesse para o escalão considerado.

#### OBSERVAÇÃO E CAMPOS DE TIRO.

Estudar as elevações e a vegetação quanto às possibilidades de observação e de tiro, para ambos os contendores.

#### COBERTAS E ABRIGOS.

Verificar, para ambos os contendores, as condições de desenfiumento e disfarce provenientes da existência de vegetação e elevações, casario, etc.

#### OBSTÁCULOS.

Verificar a existência de obstáculos naturais e artificiais, tais como: pântanos, mata densa, rios profundos, terrenos pouco consistentes e obstáculos de outra qualquer natureza, inclusive minas.

#### VIAS DE ACESSO.

##### Enunciado.

Estudar os caminhos naturais favoráveis ao inimigo para o interior de nossas posições e os favoráveis a nós, para o interior da posição inimiga, e concluir sobre os mais favoráveis, comparando-os sob os aspectos de:

- orientação para o objetivo;
- aproximação de meios;
- tomada do dispositivo;
- apoio de fogos;
- progressão (CC e Inf);
- deslocamento das armas de apoio.

ii — Efeitos sobre as possíveis ações do inimigo:

Concluir sobre regiões, direções e linhas favoráveis ou desfavoráveis à realização de cada uma das possíveis ações do inimigo.

iii — Efeitos sobre a missão da unidade:

Concluir sobre regiões, direções e linhas favoráveis ou desfavoráveis ao cumprimento da missão da unidade.

iv — Efeitos sobre o emprego de armas atômicas e (ou) QBR:

Concluir sobre a proteção que o terreno oferece contra os efeitos de armas atômicas (ou QBR).

#### (2) Situação do inimigo.

Analisar, principalmente:

- Atitude, valor e composição das tropas empenhadas;
- Valor e composição das tropas em condições de serem empregadas como reforço.

NOTA — Nos trabalhos escolares, sempre que nada é dito em contrário, a organização do inimigo é idêntica à nossa.

(a) *Composição* — Indicar identidade, armamento e tipo de organização da força oponente. Incluir informações sobre a ordem de batalha, relativas a unidades de Infantaria, Cavalaria, Blindados e Artilharia.

(b) *Valor* — Observar os efetivos, a eficiência de combate, as forças e deficiências específicas e o número das unidades inimigas oponentes.

(c) *Dispositivo* — Indicar a localização das forças inimigas, incluindo, quando possível, elementos de apoio de fogo. Pode ser consignado numa carta ou calco.

(d) *Atividades importantes* — Considerar as atividades atuais que podem indicar as ações futuras do inimigo. Se for razoável admitir que o inimigo tem conhecimento de nossa situação ou das operações por nós projetadas, deve-se salientar este fato.

(e) *Situação logística* — Considerar a capacidade do inimigo para apoiar logisticamente suas forças.

(f) *Reforços* — Considerar as unidades inimigas não empenhadas, suscetíveis de serem empregadas em tempo de afetar o cumprimento de nossa missão.

(g) *Peculiaridades e deficiências* — Indicar peculiaridades e deficiências inimigas que afetarão sua eficiência de combate, favorável ou desfavoravelmente.

#### (3) Nossa situação.

(a) *Composição* — Elementos de que dispõe a unidade (orgânicos e em reforço).

(b) *Efetivo* — Considerar os efetivos reais das unidades.

(c) *Dispositivo* — Geralmente consignado numa carta ou calco.

Situação e disponibilidade dos diversos elementos orgânicos, e em reforço, para a operação.

(d) *Situação Logística* — Considerar as condições de apoio logístico para a operação.

(e) *Moral* — Para o conjunto da unidade ou para certos elementos componentes.

(f) *Instrução* — Como para moral.

(g) *Apoios* — Verificar quais as unidades que apoiarão o RI.

(h) *Unidades vizinhas e interpostas* — Sintetizar, para as unidades enquadrantes e interpostas, as operações que vão realizar.

(i) *Condições de tempo e espaço* — Considerar a largura de frente e a profundidade da Z Aq, prazo disponível para início da ação, distâncias e tempos de percurso dos diversos elementos que vão ser empregados e duração provável da operação (se for o caso).

(j) *Outras informações*:

Concluir sobre:

— Número de Bils (e Cias Fzo, se for o caso) necessários para mobilizar a frente;

— Valor da reserva, face à frente e à profundidade da operação;

— Partes fracas do nosso dispositivo;

— Flancos descobertos;

— Se há ou não premência de tempo para a montagem da operação;

— Quando deslocar os elementos subordinados;

— Valor do apoio de Art, Mtr P (fraco, forte, etc.);

— Capacidade de choque e manobra, função particularmente do número de blindados que intervirão na operação, etc.;

— Valor relativo dos meios face às tropas empenhadas ou que podem reforçar.

b. Possibilidades do inimigo.

Coerente com as "Considerações que afetam as possíveis linhas de ação" (2ª) e de acordo com o "Manual do Oficial de Estado-Maior — 2ª Secção", estabelecer as possibi-

lidades do inimigo na seguinte sequência:

(1) Enunciado.

Considerar todas as possíveis ações do inimigo, capazes de afetar o cumprimento da missão, definindo, sempre que possível e para cada uma delas: que, onde, quem e quando.

(2) Probabilidade relativa de adoção — Citar somente a (s) possibilidade (s) cuja probabilidade de adoção seja elevada.

c. Nossas linhas de ação.

Cada linha de ação significa uma forma ou maneira de cumprir a missão e deve levar em conta:

— as ações a realizar;

— o estudo do terreno;

— a situação e as possibilidades do inimigo;

— a situação dos meios a empregar.

Em princípio, cada linha de ação responde às perguntas:

— Que (ações);

— Quem (escalão que decide: geralmente omitido);

— Quando (início da ação);

— Onde (direções, regiões, etc.);

— Como (dispositivo, esforço, etc.);

— Para que (eventualmente).

O enunciado de uma linha de ação não tem forma rígida.

As linhas de ação nitidamente inferiores são eliminadas.

### 3) ANÁLISE DAS LINHAS DE AÇÃO OPOSTAS

Este parágrafo tem por finalidade obter dados comparativos sobre as nossas linhas de ação; para isto, cada linha de ação é analisada separadamente, fazendo-se reagir sobre ela cada possibilidade do inimigo.

Não deverão ser consideradas as possibilidades que afetem idênticamente as linhas de ação, uma vez que não poderão servir de fator de comparação.

Desta maneira, determinam-se os resultados prováveis de cada linha de ação em relação à possível atuação do inimigo.

Convém obedecer ao seguinte desenvolvimento :

a. Citar as possibilidades do inimigo que não serão consideradas por afetarem idênticamente as nossas linhas de ação.

b. Síntese da 1ª linha de ação a ser considerada, versus :

(1) Possibilidade N. 1 do Inimigo.

— Resultados prováveis.

(2) Possibilidade N. 2.

— Resultados prováveis.

(3) Possibilidade N. 3.

— Resultados prováveis.

c. Proceder de maneira idêntica com as demais linhas de ação.

#### 4) COMPARAÇÃO DE NOSSAS LINHAS DE AÇÃO

A finalidade deste parágrafo é concluir qual a linha de ação mais favorável para o cumprimento da missão.

a. Fatores preponderantes.

Relacionar, dentre os fatores que surgiram até este ponto do estudo de situação, aqueles que terão importância decisiva na seleção da melhor linha de ação.

Normalmente, as diversas linhas de ação devem ser comparadas, face aos seguintes fatores :

— Terreno

— Dispositivo do inimigo

— Nosso dispositivo

— Possibilidades do inimigo

Para cada um destes fatores, fazer uma síntese das principais vantagens e desvantagens de cada linha de ação e concluir qual a mais favorável, ou, se todas elas se equivalem e qual a que oferece maiores vantagens às operações futuras.

Finalmente, face às conclusões parciais obtidas, estabelecer qual a linha de ação mais favorável ao cumprimento da missão.

b. Comparação das linhas de ação.

(1) Terreno.

(a) Linha de Ação N. 1.

— *Resumo das principais vantagens e desvantagens.*

(b) Linha de Ação N. 2.

— *Idem.*

(c) O Terreno favorece a Linha de Ação... ou, se fôr o caso, as linhas de ação se equivalem.

(2) Dispositivo do inimigo.

— *Idem.*

(3) Nosso dispositivo.

— *Idem.*

(4) Possibilidades do inimigo.

— *Idem.*

(5) Qualquer outro fator.

— *Idem.*

c — Conclusão.

A linha de ação... é a mais favorável.

#### 5) DECISÃO

Adotar a linha de ação mais favorável, expressando-a de forma clara, concisa, precisa e completa. O Cmt decide sobre toda a missão recebida, com todos os detalhes até onde fôr possível, e em suas linhas gerais, daí em diante.

Para cada ação decidida, definir precisamente :

— *Quem* — refere-se ao escalão que decide e, neste caso, é geralmente omitido; pode expressar as unidades fundamentais que vão constituir o dispositivo.

— *Que* — ação da unidade, ou de um de seus elementos.

— *Quando* — início previsto para a ação.

— *Onde* — posição ou região da qual, para a qual ou sobre a qual será realizada a ação. No ataque, é a direção do esforço da unidade e o objetivo principal; na defesa, é a posição a ser defendida. No movimento retrógrado, são as posições a serem ocupadas sucessivamente.

— *Como* — define o esquema da manobra, dispositivo ou elemento executante, esforço, etc. Complementa o *Quem*.

— *Para que* — algumas vezes se indica a finalidade da ação.

A decisão define a responsabilidade do Cmt no planejamento da operação e na sua conduta.

## OBSERVAÇÕES

1. No RI, a maneira de realizar o estudo de situação pode variar.

Duas são as principais formas de sua realização :

a. Pelo Cmdo do RI (Cmt e EM) como um todo, sob a orientação direta do Cmt do RI, tendo em vista chegar a uma decisão em curto prazo.

Trata-se de uma reunião de EM, realizada normalmente à retaguarda, no PC do RI, e é a forma mais freqüentemente adotada.

É realizado pessoalmente pelo Cmt do RI, assessorado pelos membros do seu EM, particularmente o S2 e S3, assumindo cada um destes elementos a função de assessor principal quando for focalizado assunto de sua especialidade.

Várias normas podem ser estabelecidas para a participação dos elementos de EM no estudo de situação do Cmdo do RI.

Nos trabalhos escolares da ECEME, até o ano em curso, tem sido obedecida, para o escalão RI, a seguinte norma :

(1) Cmt — Decisão.

— Interpretação da missão.

*Tem autoridade para interferir, aceitando, modificando ou rejeitando as partes que lhe forem apresentadas.*

(2) S1 — “Nossa situação” (situação da unidade, particularmente no tocante a efetivos, recomplemento e moral).

(3) S2 — Subparágrafo ii de “Condições Climáticas e Meteorológicas” e de “Terreno”.

— Situação do inimigo.

— Possibilidades do inimigo.

(4) S3 — Subparágrafos i e iii de “Condições Climáticas e Meteorológicas” e de “Terreno”.

— Nossa Situação (Composição, dispositivo, instrução, apoio, condições de tempo e espaço, unidades vizinhas e interpostas).

— Nossas linhas de ação.

— Análise das linhas de ação opostas.

— Comparação das nossas linhas de ação.

(5) S4 — Nossa Situação (principais aspectos logísticos a merecer a atenção do comandante).

— Comparação de nossas linhas de ação (prioridade de nossas linhas de ação, sob o ponto de vista logístico).

b. Estudo de situação do EM, feito sob a orientação do Cmt do RI e coordenado pelo Chefe do EM do RI (Subcomandante), seguido do Estudo de Situação do Cmt (este iniciado ou não simultaneamente com aquele).

Neste caso, normalmente adotado quando se dispõe de bastante tempo para o início da missão, o Cmt interpreta a missão, faz a ambientação sumária e estabelece a diretriz para o Estudo de Situação do EM; posteriormente, incorpora ao seu estudo as conclusões por ele aprovadas dos estudos realizados pelos membros do seu EM.

2. As participações acima definidas não estabelecem compartimentos estanques, permitindo intercâmbio de opiniões entre os membros do EM, em busca de uma solução de conjunto, orientado pelo Cmt.

Assim, por exemplo, o S2 pode participar, também, da “Análise das linhas de Ação Opostas”; qualquer membro do EM, inclusive o Cmt das Armas de apoio, pode participar da “Comparação de Nossas Linhas de Ação” e o S1 poderá ser chamado a participar da “Comparação de Nossas Linhas de Ação”, particularmente quando não for igual à situação dos elementos subordinados no tocante a efetivos, recomplementos e moral.

Quando for o caso, os efeitos sobre emprêgo de armas atômicas ou QBR poderão ser estudados pelo S2, pelo S3 ou pelo oficial de Guerra Química.

3. Em qualquer dos casos acima, o estudo de situação, no escalão RI, normalmente não é escrito. É um processo mental, em que cada parágrafo constitui uma etapa, representando este Memento uma espécie de lembrete ou lista de verificação.



O Caso concreto que será estudado a seguir, constituirá uma aplicação e nêle se focalizarão, particularmente, entre os fatores de De-

cisão, a Missão, de importância óbvia, e o Terreno onde ela terá de ser cumprida.

## APLICAÇÃO EM UM CASO CONCRETO

### RESUMO DA SITUAÇÃO

A 2ª DI, atuando na direção Jardinópolis — Orlândia — S. Joaquim (Ver esboço n. 1), com a missão de cerrar sobre o Rio Sapucahy, na região de S. Joaquim, atingiu, na 2ª parte da jornada de 19 de março, o corte do Rib do Agudo. O 2º Esquadrão Rec Mec e o GT-4, em 1º escalão, mantém contacto com o inimigo, que vem retardando sua progressão desde o Rio Pardo. (Ver esboço n. 2).

Às 191500 Mar, em seu PC, na região de Est. Guayuvira, o Cmt da 2ª DI comunicou ao do GT-6 sua decisão de retomar o movimento para S. Joaquim às 200700 Mar com os GT-4 e GT-6 em 1º escalão, os quais deverão apossar-se, respectivamente, de Fazenda Cavalo e de cota 825 de Signal.

A W da 2ª DI, em contacto com o inimigo, acha-se o 2º R Rec Mec, que reiniciará o movimento para o N às 201100 Mar.

O 2º Esqd Rec Mec e os elementos do 1º escalão do GT-4 (1º e 2º BI) acham-se detidos. O inimigo defende a região de Orlândia e tem realizado tiros ajustados de armas automáticas e concentrações de Mrt, inclusive 4.2, e de Art 105.

As OT ao S da Rv 428 estão ocupadas; as demais parecem desocupadas. Foram assinalados CC inimigos a W de Orlândia.

Movimentos normais nas estradas que do Rib. do Agudo se dirigem para S. Joaquim. Foram assinalados, ainda, movimentos de tropas e trabalhos de OT na margem N do Rio Sapucahy. A E de Orlândia foram identificadas as 8ª e 7ª/25ª RI Vermelho.

O Esboço n. 2, consigna as informações disponíveis sobre o inimigo, até 191400 Mar, no que interessa ao GT-6.

O GT-6 (Tipo I), reunido na região de Est. Guayuvira, está motorizado e tem a seguinte composição:

6º RI;  
6º GO 105 AR;  
101º BCC Me;  
2ª/851 G Can Au AA 40 AP;  
3º/2º BE Cmb + 1º/101 BE Cmb.

O Córrego Itú, Córrego do Diamante e o Rib. do Rosário são obstáculos para CC, pela natureza de suas margens.

O solo é firme, permitindo o movimento de viaturas através do campo.

Tempo bom. Brisa leve do quadrante SE.

ICMN 0435 FCVC 1830  
ICMC 0502 FCVN 1857

Não há previsão de emprego de armas atômicas ou QBR por nossas forças nem pelas do inimigo.

### INTERPRETAÇÃO DA MISSÃO

I — Interpreta-se a missão, determinando:

— seu enunciado (tirado dos parágrafos 2 e 3 da O Op e do Calco Op);

— a finalidade (que papel representa a unidade na manobra do escalão superior? ou melhor, para que foi atribuída aquela missão pelo escalão superior?);

— as ações a realizar (impostas pela ordem e as deduzidas);

— a prioridade das ações (apenas quando houver simultaneidade entre elas);

— condições de execução (particularmente zona de ação e prazo para início da missão).

Essa análise será, em seguida, consolidada em redação única, sem parágrafos (quando houver documento "Estudo da Situação", pouco comum no regimento).





2 — Pelo Resumo da Situação e pelo Esboço, fica-se sabendo que:

— a DI pretende retomar o movimento para S. Joaquim às 0700;

— continuará atuando por GT, com 2 GT em 1º escalão;

— o GT-6 deverá apossar-se de Alt de Signal e o GT-4, da Fazenda Cavado;

— o limite entre os 2 GT de 1º escalão inclui Orlândia para o GT-4;

— o flanco W do GT-6 não terá cobertura (será descoberto);

— o inimigo defende o corte do Rib. do Agudo, tendo detido o 2º Esqd Rec Mec a W de Orlândia.

Poderia ter sido feita, então, a seguinte interpretação:

— Enunciado: Conquistar cota 825 de Signal, em condições de prosseguir para S. Joaquim. Início às 200700 Mar;

— Finalidade: Assegurar o prosseguimento para S. Joaquim;

— Ações a realizar: Atacar; ultrapassar o 2º Esqd Rec Mec;

— Condições de execução: Z AÇ (Ver Esboço ns. 1 e 2).

— Prazos: São 191530 e o ataque será iniciado às 200700 Mar. Disparamos, pois, de 15h 30, das quais 5 de luz (com visibilidade de 5000 m).

Obs.:

(1) Ficar em condições de prosseguir não constitui desde já ação tática a realizar, nem imposta, nem deduzida: Significa que se devem tomar medidas e disposições para realizar uma ação futura (prosseguir), cuja execução fica dependente de nova ordem, podendo até ser atribuída a outro elemento.

(2) Não houve necessidade de estabelecer prioridades entre as ações por que elas são sucessivas.

#### ESTUDO DO TERRENO

A finalidade primordial deste estudo consiste em determinar a maneira mais adequada de utilizar o terreno, a mais conveniente forma de a ele se adaptar para cumprir a missão. Deve, portanto, ser examinado objetivamente, em função da missão recebida, e não com o simples fito de encher memento.

Quer se trate de atacar, defender, retrair ou retardar, é preciso levar em consideração a influência ponderável do terreno nas operações, por isso que a maneira "como" a Infantaria combate depende, sobretudo, do terreno "onde" ela combate, ou, por outras palavras, é o terreno que traça a manobra. Isto não quer dizer que seja ele, sempre, o fator preponderante, ou determinante da escolha da linha de ação; pode, algumas vezes, acontecer que a manobra melhor traçada, que melhor aproveite as características da região de operações, não seja a melhor maneira de cumprir a missão, em virtude da existência de outros fatores mais importantes, tais como a premência do tempo, a situação inicial dos meios, o inimigo ou mesmo condições atmosféricas ou climáticas; mas, ainda assim, dentro da linha de ação escolhida, deve ser o terreno aproveitado ao máximo, em benefício da manobra.

O Estudo do terreno, como vimos, compreende uma parte analítica (i), versando sobre os 5 aspectos militares (acidentes capitais, observação e campos de tiro, abrigos e cobertas, obstáculos e vias de acesso) e uma parte conclusiva, tratando da influência do terreno sobre as operações do inimigo (ii), sobre o cumprimento da própria missão (iii) e sobre o emprêgo de armas atômicas e QBR (iv).

Realizemos, então, o estudo analítico, dentro da situação criada. (Ver esboços ns. 2 e 3).

#### ACIDENTES CAPITAIS

Acidente capital é uma região cuja posse apresenta acentuada vantagem para as operações do inimigo e para o cumprimento da missão da própria unidade; sua escolha difere, em consequência, no ataque e na defesa. Os acidentes capitais devem ser compatíveis, portanto, com o escalão e com a operação.

Na prática, para regimentos e unidades menores, acidentes capitais são, normalmente, regiões dominantes, ou localidades, porque a sua posse permite, principalmente,



observar e atirar sobre o inimigo, além de outras vantagens secundárias, como abrigos e cobertas para movimentação dos meios e domínio das vias de acesso.

Na área de interesse do GT-6 podem ser encontrados os seguintes acidentes capitais:

— *Altura de Venda*: Permite o aprofundamento da defesa, barrando a progressão nas direções de Fazenda Diamante e de Fazenda Itú; favorável à montagem de contra-ataques. Permite a progressão, seja sobre cota 800 de Fazenda Diamante, seja sobre Alt S de Fazenda Itú.

— *Cota 705 S de Fazenda S. José*: Permite o aprofundamento da defesa; barra a progressão para a região de cota 800; favorável à montagem de contra-ataques. Permite a progressão sobre cota 800 de Fazenda Diamante e sobre região de Fazenda Pires.

— *Orlândia*: Embora fora da Z Aç do GT-6, possibilita ação do Inimigo sobre o flanco E.

— *Cota 775 S de Fazenda Itú*: Permite atuar sobre Venda ou mesmo sobre cota 800 de Fazenda Diamante e aprofundar a defesa do Rib. do Agudo. Dá segurança ao flanco W do GT.

— *Cota 800 de Fazenda Diamante*: Permite barrar a progressão para cota 825 de Signal, aprofundando a defesa do Rib. do Agudo; favorável à montagem de contra-ataque sobre cota 705, Fazenda Pires e Venda. Permite progredir para cota 825 de Signal.

— *Região de Fazenda Pires*: Permite aprofundar a defesa do Rib. do Agudo, e atuar sobre cota 800 de Fazenda Diamante; dá cobertura em relação a Orlândia. Permite prosseguir sobre cota 800 de Fazenda Diamante e sobre cota 825 de Signal.

— *Cota 825 de Signal*: Ponto dominante da região; facilita a defesa; barra o acesso a S. Joaquim, separando esta região da de Orlândia; objetivo do RI. Permite prosseguir para S. Joaquim.

#### OBSERVAÇÃO E CAMPOS DE TIRO

As possibilidades de observação e de campos de tiro estão na dependência das alturas e da vegetação.

Na defesa, procuram-se "posições" que ofereçam as melhores possibilidades de observação e de tiro; no ataque procuram-se "vias de acesso" que ofereçam essas vantagens.

Em princípio, essas vantagens estão relacionadas com os acidentes capitais. Esta parte da análise do terreno deve ser feita em função do escalão.

Assim, é óbvio que o problema não se apresenta sob o mesmo aspecto para um comandante de pelotão de fuzileiros e um comandante de RI; para este interessam, apenas, os aspectos gerais do problema, não se tratando de escolher locais para instalação de observatórios ou de armas.

No caso em estudo, na ausência de maiores indicações sobre a vegetação, poder-se-ia dizer que:

— Há facilidade de observação em qualquer direção, com domínio de vistas pelo inimigo no compartimento do Rib. do Agudo.

— O inimigo tem possibilidades de observação até a linha Alt S de Fazenda S. Jorge — Alt de Fazenda Sto. Antônio — Justino.

— Nossas possibilidades de observação vão até a linha Fazenda Pires — Cota 800 de Fazenda Diamante — Alt S de Fazenda Itú. O objetivo do RI (cota 825 de Signal) só é visto, inicialmente, da região de Justino.

— São regiões favoráveis à observação:

Cota 825 de Signal, que permite, também, vistas para o compartimento do Rio Sapucahy, Cota 800 de Fazenda Diamante e Alt. S de Fazenda Itú.

— A E do Md A, os campos de tiro são bons e extensos, particularmente para armas automáticas instaladas nas alturas balizadas pela estrada 434, que têm facilidades de cruzar fogos sobre o Rib. do Agudo.

## COBERTAS E ABRIGOS

Cobertas e abrigos constituem a resposta às possibilidades de "observação e campos de tiro" do adversário.

No ataque, se procuram as "vias de acesso", e, na defesa, "as posições", que ofereçam as melhores possibilidades de cobertas e abrigos.

Para o escalão RI, o problema deve ser encarado em seus aspectos gerais, de interesse para a manobra do conjunto da unidade, relacionados com as condições de desenfioamento e proteção, provenientes da existência de vegetação e elevações, casario, etc.

No caso em estudo, na ausência de maiores indicações sobre a vegetação, poder-se-ia dizer:

— A linha Cota 800 de Fazenda Diamante — Alt. de Fazenda Itú oferece ao inimigo boa proteção para reuniões, instalações e PB, particularmente nas regiões de Fazenda Diamante, João Orlando, Fazenda Itú e Joaquim Júlio.

— A garupa de Fazenda Sto. Antônio oferece boa proteção para reuniões, instalações e para armas orgânicas de apoio, particularmente a W nas regiões de Fazenda S. Jorge, Fazenda Sto. Antônio e Colônia Sto. Antônio.

## OBSTACULOS

Trata-se de verificar a existência de obstáculos naturais e artificiais, tais como: pântanos, matas densas, encostas escarpadas, rios profundos ou de margens íngremes, terrenos pouco consistentes, campos de minas, arame farpado, obstáculos contra carros ou outro qualquer.

A significação do "obstáculo" está intimamente relacionada com as noções de "acidentes capitais" e de "vias de acesso": avalia-se o seu valor pelas restrições que possam opor ao movimento de homens a pé, de veículos sobre rodas e sobre lagartas — os três tipos de movimentos terrestres que se encontram em combate.

O defensor incorpora o obstáculo à defesa, procurando bloquear os 3 tipos de movimento, enquanto o

atacante se esforça em determinar a via de acesso mais livre de obstáculos, ou por eles protegida.

Embora campos de minas e outros obstáculos representem "atividade" do inimigo, é mais razoável que o seu estudo seja feito junto com o dos obstáculos naturais, pela oportunidade de uma apreciação conjunta de seus efeitos sobre "vias de acesso" e "acidentes capitais".

— No caso em estudo, o Cmt do GT-6 veria:

Md A: obstáculo para viaturas e homens a pé; assegura proteção inicial ao flanco W do atacante e do defensor.

Os Córregos do Itú e do Diamante e o Ríb. do Rosário, obstáculos para CC pela natureza de suas margens, dificultam, de certo modo, uma atuação na direção geral NW — SE.

Há campos de minas descontinuos na margem N do Ríb. do Agudo, particularmente nas regiões de passagem.

## VIAS DE ACESSO

Entendem-se por vias de acesso, os caminhos naturais que conduzem aos acidentes capitais. O Cmt de RI procura determinar, no ataque, as vias de acesso mais favoráveis à conquista de seus objetivos e, na defesa, as vias de acesso que o inimigo pode utilizar para conquistar as posições que o RI defende; conseqüentemente, a noção de via de acesso está ligada ao valor do elemento de manobra que vai utilizá-la, ou, por outras palavras, o Cmt do RI procura, no ataque, vias de acesso que conduzam suas peças de manobra (BI e, eventualmente, Cia Fzo) aos acidentes capitais que devem ser conquistados e, na defesa, as vias de acesso que o inimigo poderá utilizar e que possam ser barreadas por seus BI (e, eventualmente Cia Fzo).

O atacante, naturalmente, escolhe a "via de acesso" que o conduz ao objetivo nas melhores condições de "observação e campos de tiro", e de "abrigos e cobertas", evitando os "obstáculos" ou os aproveitando como proteção. O defensor avalia, da

mesma maneira, as vias de acesso disponíveis para o inimigo.

Para a determinação da melhor via de acesso, após analisá-las individualmente, é necessário compará-las, sob os aspectos já referidos: orientação para o objetivo, aproximação de meios, tomada de dispositivo, apoio de fogos, progressão (CC e Inf) e deslocamento de armas de apoio.

No caso, em estudo, o Cmt do GT-6 encontraria as seguintes vias de acesso (Ver esboço n. 3):

— Para o interior das próprias posições:

1ª: Venda — Colônia Sto. Antônio;

2ª: Cota 705 — Elias — Colônia Sto. Antônio;

3ª: Cemitério — Justino.

— Para o interior das posições inimigas:

1ª: Fazenda S. Jorge — Venda — Cota 800 de Fazenda Diamante — Cota 825 de Signal, permitindo ir, também, de Venda para Alt. S de Fazenda Itú.

2ª: Colônia Sto. Antônio — Fazenda Lopes — Cota 800 de Fazenda Diamante — Cota 825 de Signal.

3ª: Elias — Cota 705 — Cota 800 de Fazenda Diamante — Cota 825 de Signal.

4ª: Justino — Fazenda Pires — Cota 825 de Signal.

— Existe, ainda, no flanco W:

Mário Jorge — Carlos — Alt. S de Fazenda Itú.

Como as vias de acesso existentes para o interior das próprias posições não apresentam interesse para o GT-6, que não se acha em posição, seu Cmt passaria à análise e comparação das vias de acesso que lhe permitem atingir o objetivo, processo mental de seleção que não aparece escrito, por desnecessário, no documento Estudo de Situação do Cmt do GT, quando também este existir.

Analisemos essas vias de acesso:

— Fazenda S. Jorge — Venda — Cota 800 de Fazenda Diamante — Cota 825 de Signal: Servida por

uma rodovia; é larga, de declive suave, favorável ao emprêgo de Inf e CC; conduz sucessivamente à Venda, cota 800 e cota 825, permitindo, também, ir de Venda às Alt. S de Fazenda Itú; desborda cota 705 pelo N.

— Colônia Sto. Antônio — Fazenda Lopes — Cota 800 de Fazenda Diamante — Cota 825 de Signal: Corredor amplo, dominado inicialmente pelo casario do Córrego Lopes, lateralmente pelas Alt. de Venda e de cota 705 e, ao fundo, pelas Alt. de Fazenda Lopes e cota 800 de Fazenda Diamante. Pode tornar-se demasiadamente largo pela inclusão de uma ou ambas as cristas enquadrantes. Dispõe de uma rodovia; conduz, sucessivamente, às regiões de Fazenda Lopes, Cota 800 e Cota 825. Inicialmente é desfavorável à progressão tanto de CC como de Inf, devido às minas e ao casario.

— Elias — Cota 705 — Cota 800 de Fazenda Diamante — Cota 825 de Signal: Inicialmente é larga; depois se estrangula na região de Fazenda S. José. Servida por rodovia até cota 705. Conduz, sucessivamente, às cotas 705, 800 e 825. Inicialmente, é favorável à progressão da Inf e CC; depois, torna-se desfavorável para CC, devido ao estrangulamento de Fazenda S. José e ao acive mais acentuado entre esta região e cota 800 de Fazenda Diamante. Permite ir, também, à região de Fazenda Pires.

— Justino — Fazenda Pires — Cota 825 de Signal: Corredor, inicialmente apertado, atraído para Orândia. Servido por uma rodovia, a partir de Bento, para cota 825. Atingida a região de Fazenda Pires, exige o domínio de cota 800 de Fazenda Diamante para o prosseguimento para cota 825 de Signal. É favorável à progressão de Inf e CC.

— Mário Jorge — Carlos — Alt. S. de Fazenda Itú: Amplo corredor balizado pelo Córrego de Armazém. Inicialmente apoiado a W no Md A e no casario de Fazenda do Agudo, leva diretamente às Alt. S de Fazenda Itú, não conduzindo ao objetivo. Inicialmente é pouco favorável à progressão de CC, de-



vido à existência de campos de minas, casario e Md.

Comparando agora essas vias de acesso, poderemos concluir que das quatro que conduzem ao objetivo do GT, a melhor é a 1ª, porque :

— é a única que permite atuar no flanco do dispositivo inimigo, conduzindo a uma ação de desbordamento, evitando a cota 705 ;

— é a mais favorável à progressão da Infantaria e dos carros ;

— é a única que possui rodovias desde o início, favorecendo o deslocamento das armas de apoio.

As condições de aproximação de meios e de tomada de dispositivo (P Atq, Pos de Mrt P e LP) são aproximadamente iguais para as 3 primeiras, ficando a 4ª em inferioridade. Quanto à observação e apoio de fogos, há pequena vantagem para a 3ª, após a conquista de cota 705.

Feita a análise dos aspectos militares do terreno, podemos agora abordar os aspectos conclusivos do estudo.

Os efeitos sobre as possíveis ações do inimigo (ii) devem ser encarados com objetividade, em função do tipo de operação prescrito na missão.

Assim, por exemplo, se a missão é atacar, deve-se ver :

— como o terreno permite ao inimigo opor-se inicialmente à nossa progressão, com indicação, se houver, das regiões mais favoráveis à defesa ;

— como o terreno favorece o aprofundamento da defesa ;

— as regiões que, perdidas pelo inimigo, comprometem a integridade de sua posição, pontos-chave ;

— como o terreno favorece as ações ofensivas da defesa ;

— perdidas as atuais posições, quais as outras linhas naturais, em profundidade, que favorecem a instalação de novas posições ;

— como o terreno favorece o retardamento de nossa progressão, após o rompimento da posição.

Se a nossa missão é defensiva, deve-se ver :

— como o terreno se apresenta ao inimigo para abordar a nossa posição (estradas, etc.) ;

— como o terreno se apresenta ao inimigo para o ataque à nossa posição (vias de acesso mais favoráveis, regiões de transposição de cursos d'água, etc.) ;

— como o terreno permite ao inimigo internar-se na posição e prosseguir (posse de acidentes capitais, vias de acesso no interior da posição, etc.) .

Da mesma maneira, devem os efeitos sobre a própria missão (iii) ser encarados em função do tipo de operação. Assim, por exemplo, se a missão é atacar, deve-se ver como o terreno se apresenta, tendo em vista a articulação dos meios para o ataque, o desembocar do ataque e seu aprofundamento no interior da posição do inimigo (facilidades de progressão, melhor via de acesso, regiões a conquistar intermediariamente, regiões que asseguram o rompimento da posição ou seu desbordamento, objetivo principal ou parte principal do objetivo, facilidades de prosseguimento, etc.), e a segurança do ataque (regiões a conquistar, etc.) .

Se a missão é defender, deve-se ver as regiões favoráveis à instalação da segurança da posição, as que barram as vias de acesso que permitem abordar a posição, as favoráveis ao aprofundamento da defesa, as regiões ou direções favoráveis às ações ofensivas da defesa, etc.

Quanto ao emprêgo de armas atômicas ou QBR, deve-se concluir sobre a proteção que o terreno oferece aos seus efeitos, bem como quanto às regiões favoráveis ao seu emprêgo.

Esses aspectos conclusivos do estudo do terreno — sua parte essencial — para o caso concreto em tela, podem ser vistos no documento Estudo de Situação do Cmt do GT-6, a seguir transcrito, à guisa de subsídio, e com a ressalva de que, no Regimento de Infantaria, é raro, e desnecessário, fazê-lo por escrito.

(Classificação sigilosa)

## ESTUDO DE SITUAÇÃO DE COMANDANTE

6º RI

Colônia Santo Antônio  
192330 MarCrt: S. Paulo, 1/50.000 — Or-  
lândia.

## 1) MISSÃO

Atacar às 200700 Mar para con-  
quistar cota 825 de Signal, ultrapas-  
sando o 2º Esqd Rec Mec.Ficar em condições de prosseguir  
para S. Joaquim.

## 2) SITUAÇÃO E LINHAS DE AÇÃO

a. *Considerações que afetam as  
possíveis linhas de ação.*(1) Características da região de  
operações.

(a) Condições meteorológicas.

i — Situação existente.

ICMN — 0435.

ICMC — 0502 — Amanhece.

FCVC — 1830 — Anoitece.

FCVN — 1857.

— Lua cheia a 20.

— Tempo bom.

— Céu limpo.

— Brisa leve do quadrante SE.

ii — Efeitos sobre as possíveis  
ações do inimigo.iii — Efeitos sobre a nossa mis-  
são.— As condições climáticas e me-  
teorológicas interferem igualmente,  
tanto para o inimigo como para nós.— A fase da luta facilita deslo-  
camentos e ações noturnas.— Há boa visibilidade para o  
tipo de todas as armas e boa trans-  
tabilidade através do campo para  
Vtr.— Há condições favoráveis para o  
emprego de fumígenos por nossas  
fôrças e desfavoráveis para o in-  
imigo.

— Temos 1300 h de luz por dia.

(b) Terreno.

i — Situação existente:

— Acidentes capitais.

Alturas de Venda.

Cota 705 S de Faz. S. José.

Orlândia.

Cota 775 S de Faz. Itú.

Cota 800 de Faz. Diamante.

Região de Faz. Pires.

Cota 825 de Signal.

— Observação e Campos de Tiro.

Há facilidade de observação em  
qualquer direção, com domínio de  
vistas pelo inimigo no comparti-  
mento do Rib. do Agudo.O inimigo tem possibilidade de  
observação até a linha Alt. S de Faz.  
Jorge — Alt. de Faz. Sto. Antônio  
— Justino.Nossas possibilidades de observa-  
ção vão até a linha Faz. Pires —  
Cota 800 de Faz. Diamante — Alt. S  
de Faz. Itú. O objetivo do RI (cota  
825 de Signal) só é visto, inicial-  
mente, da região de Justino.Regiões favoráveis à observação:  
Cota 825, Cota 800 de Faz. Dia-  
mante e Alt. S de Faz. Itú.Cota 825 permite vistas também  
sobre o compartimento do Rio Sa-  
pucahy.A E do Md. A os campos de tiro  
são bons e extensos, particular-  
mente para armas automáticas ins-  
taladas nas alturas balizadas pela  
Estr. 434, que têm facilidades de  
cruzar fogos sobre o Rib. do Agudo.

— Cobertas e Abrigos.

A linha Cota 800 de Faz. Dia-  
mante — Alt. de Faz. Itú oferece  
boa proteção para reuniões, ins-  
tações e PB, particularmente nas  
regiões de Faz. Diamante, João Or-  
lando, Faz. Itú e Joaquim Júlio.A Garupa de Faz. Sto. Antônio  
oferece boa proteção para reuniões,  
instalações, e para as armas orgâ-  
nicas de apoio, particularmente a  
W, nas regiões de Faz. S. Jorge,  
Faz. Sto. Antônio e Colônia.

(Classificação sigilosa)

## (Classificação sigilosa)

## — Obstáculos.

Md. A<sup>o</sup>: Obstáculos para viaturas e homens a pé.

Assegura proteção ao flanco do atacante e do defensor.

O Cor. do Itú, o Cor. do Diamante e o Rib. do Rosário, obstáculos para CC pela natureza de suas margens, dificultam, de certo modo, uma atuação na direção geral NW SE.

Campos de minas descontínuos na margem N do Rib. do Agudo, particularmente nas regiões de passagens.

## — Vias de acesso.

Para o interior das próprias posições:

1<sup>a</sup>: Venda — Colônia Sto. Antônio.

2<sup>a</sup>: Cota 705 — Elias — Colônia Sto. Antônio.

3<sup>a</sup>: Cemitério — Justino.

Para o interior das posições inimigas:

1<sup>a</sup>: Faz. S. Jorge — Venda — Cota 800 de Faz. Diamante — Cota 825 de Signal, permitindo ir, também, de Venda para Alt. S de Faz. Itú.

2<sup>a</sup>: Colônia Sto. Antônio — Faz. Lopes — Cota 800 de Faz. Diamante — Cota 825 de Signal.

3<sup>a</sup>: Elias — Cota 705 — Cota 800 de Faz. Diamante — 825 de Signal.

4<sup>a</sup>: Justino — Faz. Pires — Cota 825 de Signal.

Existe, ainda, no flanco W:

Mário Jorge — Carlos — Alt. S de Faz. Itú, não conduzindo ao objetivo do GT.

ii — Efeitos sobre as possíveis ações do inimigo:

— O ponto-chave da posição inimiga é cota 800 de Faz. Diamante.

— As regiões de cota 705 e de Venda permitem aprofundar a defesa.

— O divisor Cota 775 S de Faz. Itú — Cota 800 de Faz. Diamante

— Faz. Pires permite aprofundar

ainda a defesa do Rib. do Agudo e facilita a realização de contra-ataques.

— A região de cota 825 é favorável à defesa, conjugada ou não com as alturas que enquadram o Rib. do Rosário.

— A região de cota 800 permite atuar sobre Bento.

— A cota 775 S de Faz. Itú permite atuar sobre cota 800 de Faz. Diamante.

— Constituem direções favoráveis à realização de ações ofensivas:

Venda — Colônia Sto. Antônio.  
Cota 705 — Elias — Colônia Sto. Antônio — Cemitério — Justino.

iii — Efeitos sobre nossa missão:

— O divisor cota 775 S de Faz. Itú — Cota 800 — Faz. Pires limita as possibilidades de apoio de fogos dos Mrt P; limita, também, as possibilidades de observação de posições iniciais, exceto a E, na direção Justino — Cota 825 de Signal.

— A posse de cota 800 invalida a defesa do Rib. do Agudo e abre a melhor via de acesso para cota 825.

— Para atingir a região de cota 800 de Faz. Diamante, há duas direções principais:

Elias — Cota 705 — Cota 800 e Faz. S. Jorge — Venda — Cota 800, das quais a melhor é a 2<sup>a</sup>, por dispor de estrada e desbordar cota 705.

— A posse de cota 705 abre uma via de acesso para cota 800 e para Faz. Pires.

— A posse de Venda permite prosseguir seja sobre cota 800, seja sobre cota 775 Faz. Itú.

— A posse da região de Faz. Pires cobre o flanco W.

— A posse de cota 825 concretiza o cumprimento da missão.

(2) Situação do inimigo.

(a) Composição.

— Identificações feitas:

A W do Md. A — Elm do 5<sup>o</sup> R Rec Mec;

(Classificação sigilosa)

(Classificação sigilosa)

Na garupa de Venda — 1ª/25º RI;

Na garupa de Cota 705 — 2ª/25º RI;

A E do Cor. S. João — 4ª/25º RI;

Na região de Orlândia — 5ª/25º RI;

A E de Orlândia — as 8ª e 7ª/25º RI.

(b) Valor — Tropa empenhada. O inimigo apresenta em nossa ZAç o valor de 3 a 5 Cia Fzo e Bld, apoiados por Art. 105.

(c) Dispositivo. Ver Esbôço n. 2.

(d) Atividades importantes.

— O inimigo deteve o 2º Esqđ Rec Mec em nossa ZAç e os 1º e 2º/4º RI a E e procura impedir a ação de nossas patrulhas com A Au e Mrt.

— Tem atuado com Art. 105. As OT ao S da Rv. 428 estão ocupadas; as demais parecem estar desocupadas.

— Movimentos normais nas Rv. que do N conduzem para o S.

(e) Logística. Não há indícios para concluir sobre sua situação, porém, pelo resultado de suas operações, parece boa.

(f) Reforços.

— BI (?) em Faz. Pontal.

— Inf e CC de valor desconhecido na região de Lareira.

— Elm de valor desconhecido no corte de Sapucahy.

(g) Peculiaridades e deficiências.

— A defesa inimiga no Rib. do Agudo enfraquece à medida que se aproxima do Md A.

Conclusão: Trata-se de uma defesa em larga frente, que enfraquece para W.

— O flanco inimigo se apóia no Md A.

(3) Nossa situação.

(a) Efetivos: Os elementos orgânicos e de reforço com efetivos praticamente completos.

(b) Composição: 6º RI, 6º GO 105 AR, 2º/851º G Can Au AA 40 AP, 101º BCCMe, 3ª/2º BE Cmb, 1ª/101º BE Cmb.

(c) Dispositivo: O tempo disponível para o início do Atq e as Rv existentes facilitam a tomada do dispositivo do ataque.

(d) Logística. A operação pode ser apoiada logisticamente.

(e) Moral. Bom.

(f) Instrução. Ótima.

(g) O 2º Esqđ Rec Mec apoiará o desembarcar do ataque de suas atuais posições, reforçando os Elm do Esc Atq.

(h) Condições de tempo e espaço:

— A frente do GT-6 é de cêrca de 12 km; sua parte utilizável, entretanto, se reduz a 7,5 km, pela existência do Md A.

— Até a região de cota 825, a profundidade é da ordem de 8 km; até a cota 800 é da ordem de 4 km.

— Duração provável:

Até cota 800: — 4 km à Vel de 100 m em 5 min = 200 min ou 3 h 20 min; parada no objetivo: 1 de Btl: 1 h 30 min. Total: 5 horas para conquistar cota 800 e prosseguir para cota 825.

— De cota 800 à cota 825: percurso: 4 km a 7 km por hora — 35 min; parada no objetivo: 2 h. Total: 2 h 35 min, ou 2 h 30 min.

— Conclusão: é provável que se conquiste cota 800 por volta de 1030 e cota de Signal aproximadamente às 1230.

— Prazo para início da ação:

Para o início do cumprimento da missão, dispõe o RI de 15 h 30, das quais 5 h de visibilidade superior a 5000 m, além de 54 min correspondentes aos crepúsculos náuticos, de visibilidade entre 400 e 5000 m.

(1) Unidades vizinhas e interpostas.

— O 4º RI, a E, vai prosseguir para o N, a 200700.

(Classificação sigilosa)

## (Classificação sigilosa)

— O 2º R Rec Mec vigia o corte do Rib. do Agudo de Md A para W e só prosseguirá para o N a 201100.

— Conclusões :

Número de Bl necessários para o Esc de Atq — Até 3 (para mobilizar a Fr), com frente de cerca de 2000 m cada um.

— Pela largura excessiva de ZAç, deve ser escolhida uma frente de ataque mais compatível com os meios disponíveis.

— Valor da Res face à Fr e à Prof de Atq : 1 Bl.

— FI descobertos : o F1 W, depois do Md A ; o F1 E pode vir a ficar descoberto, particularmente, a partir de cota 800.

— Dispomos de tempo suficiente para montagem da operação.

— O apoio de Art é satisfatório.

— Capacidade de choque de m-obra : aumentada pelo reforço de BCCMe.

b. Possibilidades do inimigo.

(1) Enunciado.

(a) Defender suas atuais Posições particularmente a E do Cor. do Topo, com o valor de até 5 Cia Fzo Bl apoiadas por Art.

(b) Reforçar sua defesa :

1) Nas atuais Pos. :

— com Elm de Inf e CC de valor desconhecido, de Ladeira, a partir de 191430 Mar ;

— com o BI de Faz. Pontal a partir de 191440 Mar ;

— com Tr. de valor e natureza desconhecidos do corte do Rio Saçahy a partir de 191445 Mar.

2) No divisor de Faz. Diamante :

— com os mesmos elementos acima, a partir de 1425, 1540 e 1445, respectivamente.

(c) Atuar ofensivamente no FI com Elm de Inf e CC de Ladeira e no F1 E com remanescentes Def. de Orliândia.

(d) Realizar ação retardadora, nas atuais Pos. e em Pos. sucessi-

vas, particularmente em cota 825 de Signal e em S. Joaquim.

(e) Retrair para o N antes do início de nosso Atq.

(f) Atq com Bl de valor indeterminado antes de nosso Atq.

(2) Probabilidade relativa de adoção :

— Defender ;

— Defender reforçado ;

— Atuar nos F1 ;

— Realizar Aç retardadora ;

— Retrair ;

— Atacar.

c. Nossas linhas de ação.

(1) Linha de ação 1.

— Atq. com 3 BI Ref. em 1º Esc. nas Direções :

Faz. S. Jorge — Venda — Faz. Itú ;

Elias — Cota 705 — Cota 800 de Faz. Diamante e

Justino — Faz. Pires, para conquistar as Alt. de Faz. Itú, cota 800 e Faz. Pires ; esforço ao centro.

— Posteriormente, coberto, se necessário, no flanco W e em Faz. Pires, prosseguir na direção cota 800 — Cota 825 de Signal, para se aposar desta região, principalmente com o BCC Me.

(2) Linha de ação 2.

— Atq. com 2 BI Ref. e 101º BCC Me. Ref. em 1º Esc. nas Direções :

Mário Jorge — Carlos Alt. de Faz. Itú ;

Elias — Cota 705 e

Faz. S. Jorge — Venda — Cota 800 de Faz. Diamante, para conquistar respectivamente as Alt. de Faz. Itú, cota 705 e cota 800 de Faz. Diamante ; esforço na última direção.

— Prosseguimento, como na L Aç. 1.

(3) Linha de ação 3.

— Como a L Aç. 2, com 3 BI Ref. 1º Esc.

(4) Linha de ação 4.

— Atq. com o 101º BCCMe Ref. e 1 BI Ref. nas direções :

Faz. S. Jorge — Venda — Cota 800 de Faz. Diamante e

(Classificação sigilosa)

(Classificação sigilosa)

Elias — Cota 705, para conquistar, respectivamente, Alt. de Venda — Cota 800 e cota 705; esforço a W.

— Atuar com BI Ref. na esteira de 101° BCCMe Ref., a partir de Venda, para se apossar de Alt. de Faz. Itú.

— Prosseguimento como L. Aç. 1.  
(5) Linha de ação 5.

— Atq. com 3 BI Ref. e o 101° BCCMe em 1° Esc. nas direções:

Mário Jorge — Carlos — Alt. S de Faz. Itú;

Elias — Cota 705;

Justino — Faz. Pires e

Faz. S. Jorge — Venda — Cota 800 de Faz. Diamante, para conquistar, respectivamente, as Alt. S de Faz. Itú, cota 705, Faz. Pires e cota 800 de Faz. Diamante; esforço na última direção.

— Prosseguimento como na L. Aç. 1.

### 3) ANÁLISE DAS LINHAS DE AÇÃO OPOSTAS

Não serão consideradas as ações de *retrair* e de *atacar*.

a. L. Aç. 1 (Ataque com 3 BI em 1° escalão) versus;

— Defender com os meios atuais.

Ataque de penetração contra a parte mais forte do inimigo, sendo imposta a conquista sucessiva de cotas 705 e 800 (esforço).

— Defender reforçado.

O inimigo tem possibilidades de reforçar a sua defesa, seja na região de cota 705, seja na região de Bento. Causará maiores dificuldades ao ataque se reforçar a 1ª, pois cota 800 será mais difícil de ser conquistada.

— Reforçar e aprofundar.

O ataque principal terá que vencer as resistências inimigas, frontal e sucessivamente.

— Atuar no flanco W.

O ataque principal está coberto pelo ataque na direção de Alt. S de Faz. Itú.

— Atuar no flanco E.

O ataque Justino — Faz. Pires realizará a proteção face a Orlândia.  
b. L. Aç. 2 (desdobramento com BCC coberto com 1 BI em cada flanco) versus:

— Defender com os atuais meios.

O Atq. principal desborda o inimigo mais forte e conduz, pela via de acesso mais favorável a Inf e CC, diretamente sobre cota 800.

— Defender reforçado.

Apesar do terreno permitir o reforço das atuais posições, o Atq. tem possibilidades de desenvolver-se a contento.

— Reforçar e Aprofundar.

A via de acesso à cota 800 é suficientemente larga para permitir a manobra desbordante do ataque. O Esc. Atq. é suficientemente forte para prosseguir.

— Atuar no F1 W.

Está coberto pelo ataque sobre Alt. S Faz. Itú.

— Atuar no F1 E.

Devido à distância e ao ataque sobre cota 700, o Atq. principal também está coberto.

c. L. Aç. 3 (desbordamento com 3 BI em 1° escalão).

As mesmas considerações feitas para a linha de ação 2, com menor probabilidade de êxito, por ser o ataque principal mais fraco.

(BI Ref. e não BCC Me. Ref.)

d. L. Aç. 4 (desbordamento com o BCC e 1 BI em 1° escalão inicialmente, cobertura do flanco W a partir de Venda).

As mesmas considerações feitas para a linha de ação 3, exceto quanto à cobertura do flanco W, que não existirá a partir de Venda.

e. L. Aç. 5 (desbordamento com o BCC Me. e 3 BI em 1° escalão) versus:

— Defesa das atuais posições (inclusive Def. Ref.).

Como na linha de ação 2 e mais: o ataque, por ser mais potente, apresenta maiores possibilidades de êxito.

(Classificação sigilosa)

## (Classificação sigilosa)

— Reforçar e Aprofundar.  
A ausência de reserva dificulta a conduta do combate.

— Atuar no flanco W.

Está coberto pelo ataque sobre altura S de Faz. Itú.

— Atuar no flanco E.

Duplamente coberto o ataque principal.

## 4) COMPARAÇÃO DAS NOSSAS LINHAS DE AÇÃO

a. *Fatores preponderantes.*

Os fatores que influem na escolha da linha de ação mais favorável são: terreno, dispositivo do inimigo, possibilidades do inimigo e nosso dispositivo.

b. *Comparação das linhas de ação.*

## (1) Terreno.

L Aç. 1:

Vantagem:

— Caminho mais curto para cota 800.

Desvantagens:

— Não aproveita a melhor via de acesso para cota 800.

— O terreno estrangula a via de acesso principal.

— Não conduz diretamente a cota 800, havendo perda de tempo, na conquista forçada de cota 700.

L Aç. 2 e L Aç. 3:

Vantagens:

— Aproveita a melhor via de acesso para cota 800 (esforço).

— Conduz diretamente à cota 800.

Desvantagem:

— Via de acesso mais longa que na linha de ação 1.

L Aç. 4:

Vantagem:

— Como as linhas de ação 2 e 3.

Desvantagens:

— Como as linhas de ação 2 e 3.

— Não aproveita a via de acesso de W.

L Aç. 5:

Vantagem:

— Como as linhas de ação 2 e 3.

Desvantagens:

— Como as linhas de ação 2 e 3.

— Utiliza mais de uma via de acesso para cobrir o flanco E.

Conclusão:

O terreno favorece as linhas de ação 2 e 3.

(2) Dispositivo do inimigo.

L Aç. 1:

Vantagem:

— Fixa o inimigo em toda a frente.

Desvantagem:

— Ataque frontal (principal) sobre a parte mais forte da defesa.

L Aç. 2 e L Aç. 3:

Vantagens:

— Ataca sobre a parte mais fraca, desbordando a parte mais forte do dispositivo inimigo com o ataque principal.

— Procura cercar o inimigo e ameaçar sua retaguarda.

Desvantagem:

— Nenhuma.

L Aç. 4:

Vantagem:

— Como as linhas de ação 2 e 3.

Desvantagem:

— Não protege inicialmente o flanco W do ataque principal.

L Aç. 5:

Vantagem:

— Como as linhas de ação 2 e 3.

Desvantagem:

— Recalca o inimigo na via de acesso de E, ao invés de fixá-lo.

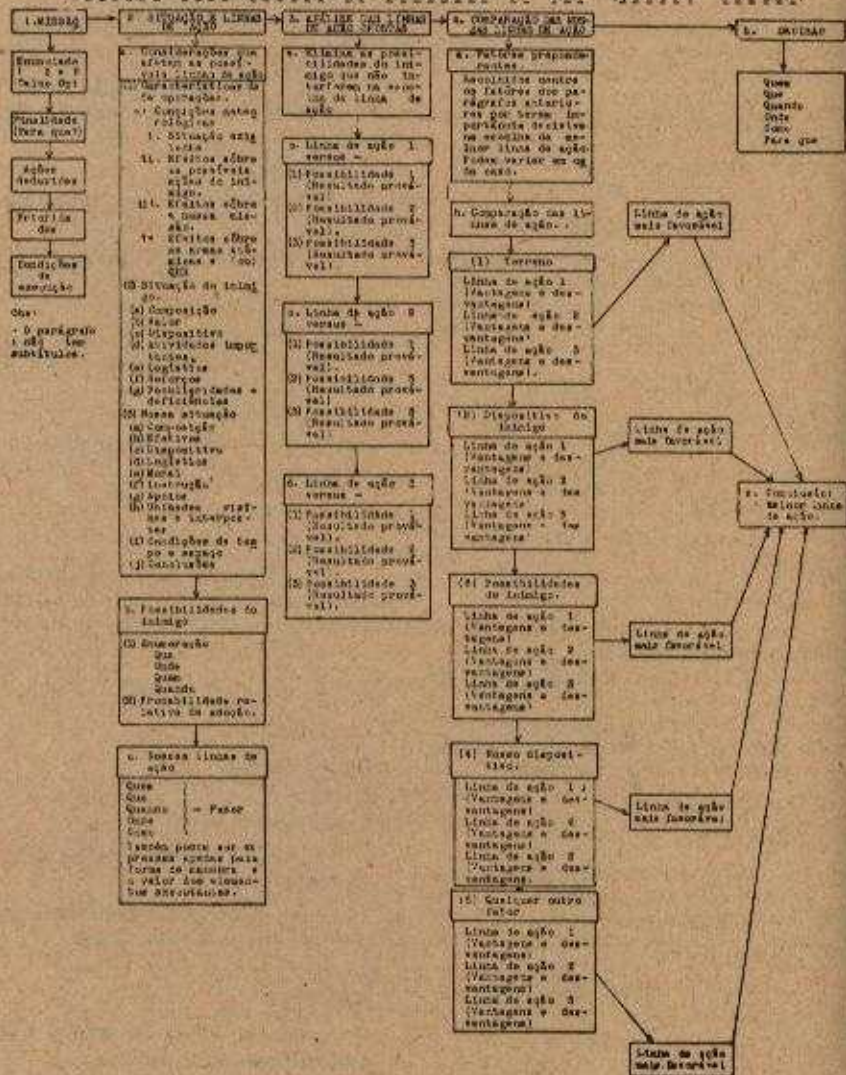
Conclusão:

O dispositivo inimigo favorece as linhas de ação 2 e 3.

(Classificação sigilosa)

## (Classificação sigilosa)

## \* CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO DO SETOR INDUSTRIAL \*



(Classificação sigilosa)



## (Classificação sigilosa)

## (3) Nosso dispositivo.

## L. Aç. 1 :

## Vantagem :

— Reserva forte de CC : BCCMe

## Desvantagens :

— 3 BI no escalão de ataque, em

— Não será empregado o BCCMe

— Maiores probabilidades de per-

— Dificulta o prosseguimento.

## L. Aç. 2 :

## Vantagens :

— Escalão de ataque potente e

— Boa reserva de Infantaria

— Menores possibilidades de per-

— Facilita o prosseguimento.

## Desvantagem :

— Dificuldade de controle e de

## L. Aç. 3 :

## Vantagens :

— Boa reserva de CC.

— Menores possibilidades de per-

## Desvantagens :

— Escalão de ataque menos potente

— Prazo mais longo para atingir

— As mesmas dificuldades de

— Dificulta o prosseguimento.

## L. Aç. 4 :

## Vantagens :

— Boa reserva ; inicialmente, a

— É a que oferece menores possi-

— Facilita o prosseguimento.

— Escalão de ataque fraco.

— Exige parada em Venda para

— Flanco W descoberto inicial-

— Dificuldade de controle e co-

## L. Aç. 5 :

## Vantagens :

— Escalão de ataque o mais forte.

— Facilita o prosseguimento.

## Desvantagens :

— Ausência de reservas.

— Máximas dificuldades de con-

— Emprêgo de 2 elementos de

— Conclusão :

— Nosso dispositivo favorece a li-

## (4) Possibilidades do inimigo.

## L. Aç. 1 :

## Vantagem :

— Segurança da manobra.

## Desvantagem :

— Dá tempo ao inimigo para acio-

## L. Aç. 2 :

## Vantagens :

— Idem quanto à linha de ação

— Dá menos tempo ao inimigo

— O escalão de ataque, mais po-

— Desvantagem :

— Possibilidade de intervenção do

— Possibilidade de intervenção do

— Possibilidade de intervenção do

## (Classificação sigilosa)

## (Classificação sigilosa)

## L Aç. 3 :

## Vantagem :

— Segurança da manobra.

## Desvantagens :

— Como na linha de ação 2.

— As vantagens da L Aç. 2, exceto a primeira.

## L Aç. 4 :

## Vantagens :

— Segurança da manobra.

— Da menos tempo ao inimigo para acionar suas reservas (BCC no escalão de ataque).

## Desvantagens :

— Ausência de cobertura inicial no flanco W.

— Como a linha de ação 2.

## L Aç. 5 :

## Vantagens :

— Segurança da manobra.

— Como na linha de ação 2.

## Desvantagem :

— Ausência de reserva.

## Conclusão :

As possibilidades do inimigo favorecem a linha de ação 2.

## CONCLUSÃO FINAL

A linha de ação 2 é a mais favorável.

## 5) DECISÃO

Atacar a 200700 Mar, na Direção Faz. S. Jorge — Venda — Faz. Diamante, com o 2º BI a W, o 101º BCCMe Ref. ao C, o 1º BI a E e o 3º BI (—) em Res., para conquistar as alturas de Faz. Diamante; posteriormente, coberto, se necessário, na região de Faz. Pires e no F1 W, prosseguir na direção Faz. Diamante — Signal, com 1 ou 2 Btl, para se apossar da cota 825 de Signal.

Cel Cmt 6º RI.

## (Classificação sigilosa)

## BIBLIOGRAFIA

- C 101 — 5, tradução da ECE ME.
- ED 1103-55 — ECEME.
- ED 1104-56 — ECEME.
- 6910 B — USAR — Operations, Estimate — Instructor — Set 1956 — Fort Benning.
- Troop Leading Procedure — Fort Benning, 1956.
- Reference Material, Tactics Infantry Regiment Employment, April 1956.

- Terrain, a Key to Victory — Maj Kenneth M. Ruddy — The Infantry School Quarterly April, 1955.

## Abreviaturas :

- QBR — (Armas) Químicas, Biológicas e Radioativas;
- ICMN — Início crepúsculo matutino náutico;
- ICMC — Início crepúsculo matutino civil;
- FCVC — Fim crepúsculo vespertino civil;
- FCVN — Fim crepúsculo vespertino náutico.